

**SEDE DE DEUS
E ORAÇÃO
NAS FONTES PATRÍSTICAS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pertusati, Carlo

Sede de Deus e oração nas fontes patrísticas / Carlo Pertusati ; tradução de Heres Drian de O. Freitas. - São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Temas Patrísticos)

ISBN 978-85-349-6139-4

1. Igreja Católica - Orações e devoções 2. Padres da Igreja – Orações I. Título II. Freitas, Heres Drian de O. III. Série

26-1568

CDD 248.3

Índice para catálogo sistemático:

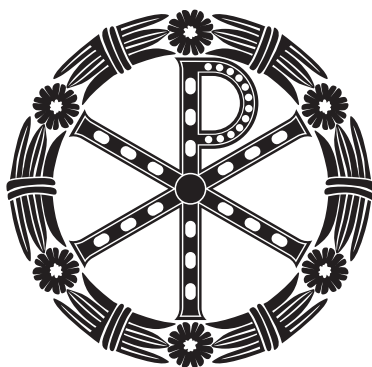
1. Igreja Católica - Orações e devoções

Coleção **TEMAS PATRÍSTICOS**

Autoria: Guillermo Pons

- *A Eucaristia nas fontes patrísticas*
- *Jesus Cristo nas fontes patrísticas*
- *Maria nas fontes patrísticas*
- *O Espírito Santo nas fontes patrísticas*
- *A Trindade nas fontes patrísticas*
- *Deus Pai nas fontes patrísticas*
- *Os anjos nas fontes patrísticas*
- *A vida eterna nas fontes patrísticas*
- *Sede de Deus e oração nas fontes patrísticas*, Carlo Pertusati

SEDE DE DEUS E ORAÇÃO NAS FONTES PATRÍSTICAS



Carlo Pertusati

Tradução de
Heres Drian de O. Freitas



PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Nostalgia di un incontro. Sete di Dio e preghiera nei Padri della Chiesa*

© Effatà Editrice, Via Tre Denti 1, 10060 Cantalupa, Italy. Translated from the Italian edition, titled *Nostalgia di un incontro* by Carlo Pertusati.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme, Tarsila Doná,
Luiz Henrique Ribeiro Lima

Design

Andrea Cristina Florez Marin

Imagens

iStock

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Tele vendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6139-4

A Francesca

Introdução

“A oração é fonte de alegria.”

(Evágrio Pôntico)

Alguns autores espirituais consideram a nostalgia uma enfermidade da alma, porque parece pôr-se como antítese da esperança. O papa Francisco, como alguns de seus antecessores, dedicou catequeses ao tema da oração e a descreveu como algo que nasce no íntimo do ser humano “e se estende, porque sente a nostalgia de um encontro” (13 de maio de 2020). O tipo de nostalgia a que ele se refere é inteiramente construtivo; não tem, de fato, a conotação do recolhimento na recordação de um paraíso perdido, mas é algo que impele a reviver um encontro sempre possível.

Numa homilia, ele falou da “santa nostalgia de Deus” (6 de janeiro de 2017), que brota no coração de quem crê, porque este sabe que o Evangelho não é um acontecimento do passado, mas do presente. E, se é verdade que a nostalgia de Deus tem suas raízes no passado, ela não para aí, mas busca o futuro. A oração, novamente nas palavras do papa Francisco, “é mais do que uma carência, mais do que uma necessidade: é um caminho” (13 de maio de 2020).

O caminho da oração das primeiras gerações de cristãos é uma riqueza à qual retornar. No conhecimento das antigas fontes, permitindo que aumente a nostalgia de um encontro que nem sempre pensamos reiterável, podemos encontrar inspiração para o nosso hoje.

A maioria dos escritos dos primeiros séculos é obra dos Padres da Igreja, que testemunham a prática, as motivações e os propósitos da oração cristã. Alguns de seus textos aqui apresentados podem tornar-se objeto de reflexão ou meditação, enriquecendo nossa busca interior. Esta obra, de fato, não é um tratado nem um ensaio, mas uma simples coleção de citações patrísticas, organizadas por temas (que frequentemente se cruzam) e, em parte, comentadas. Esse “gênero literário” permite abordar livremente ensinamentos elaborados por autores de tempos, lugares e contextos diferentes. Leremos, de fato, textos breves extraídos de vários tipos de obras (cartas, tratados, homilias, biografias, regras), e os apoftegmas, isto é, os ditos e os feitos das Madres e dos Padres do deserto, desempenharão um papel valioso. Não encontraremos, porém, um capítulo sobre comentários patrísticos ao pai-nosso, já que há inúmeras publicações dedicadas a esse assunto, às quais remetemos o leitor.

Mais do que definida, a oração deve ser vivenciada, e, com efeito, os Padres frequentemente escreveram a respeito dela transmitindo sua experiência, sem dar muito espaço a reflexões abstratas – ainda que essas não estejam totalmente ausentes. Eles não pretenderam oferecer uma abordagem exaustiva da oração, mas foram movidos por uma urgência, como escreveu Gregório de Nissa (335-395): “É preciso ensinar não como se deva rezar, mas que é absolutamente necessário rezar, algo que os ouvidos da maioria [das pessoas] ainda não ouviu” (*Homilias sobre a Oração do Senhor*, 1). A perenidade dessa afirmação é demonstrada pelo que disse Paulo VI: “A Igreja é a sociedade dos homens que rezam. Seu objetivo primário é ensinar a rezar” (catequese de 20 de julho de 1966).

Os seres humanos devem aprender a rezar, segundo alguns autores, unindo-se a outras criaturas que jamais cessam de fazê-lo. Tertuliano (ca. 155-230) escreveu:

Rezam também os anjos, reza toda criatura. Os animais domésticos e selvagens rezam e dobram os joelhos e, saindo dos estábulos ou das tocas, olham para o céu não com as mandíbulas fechadas, mas fazendo vibrar o ar com gritos do modo que lhes é próprio. Também os pássaros, quando despertam, elevam-se rumo ao céu e, em vez das mãos, abrem as asas em forma de cruz e cantam algo que pode parecer uma oração (*A oração*, 29, 4).

Gregório de Nazianzo (329-390) parece continuar, com um hino dirigido a Deus, o texto que se acaba de citar: “Todos os seres te celebram, os que falam e os que são mudos. O desejo do universo, o gemido de todos aspira a ti. Tudo o que existe pede por ti e te eleva um hino em silêncio” (*Poemas dogmáticos*, 1, 1, 29).

Desse modo, alguns Padres ecoam os frequentes textos bíblicos que descrevem o louvor que as criaturas elevam ao Criador, como frequentemente encontramos no livro dos Salmos, inclusive de forma poética, como notamos, por exemplo, em dois versículos do livro de Baruc: “Brilham em seus postos as estrelas, palpitantes de alegria; ele as chama e elas respondem: ‘Aqui estamos’, cintilando com alegria para aquele que as fez” (3,34-35).

Outros Padres, porém, consideram necessária a presença de seres racionais para que outras criaturas possam rezar, como escreve, por exemplo, Agostinho de Hipona (354-430):

Existem outros seres, porém, que não têm espírito de vida e inteligência para louvarem a Deus; todavia, como são bons, e em sua ordem íntegros, e contribuem para a beleza do universo criado por Deus, eles por sua voz e por seu coração não louvam a Deus, mas sendo considerados pelos seres inteligentes, por intermédio desses Deus é louvado; e assim enquanto por estes últimos Deus é louvado, de certo modo aqueles seres louvam a Deus (*Comentário aos Salmos*, 148, 3: PatrPaulus 9/3, 1998, p. 1127-1128).

Para introduzir-nos no tema da oração nos Padres, abordamos algumas passagens retiradas das *Confissões* (10, 24, 35-36) do já mencionado Agostinho. Ele relata ter vasculhado sua memória em busca de Deus e dirige-se ao próprio Deus:

Nada encontrei referente a ti de que não me lembrasse desde que te conheci, porque, desde então, nunca mais me esqueci de ti. [...] Desde então permaneces em minha memória, e aí eu te encontro, quando me lembro de ti e em ti me alegro (*Confissões* 10, 24, 35: PatrPaulus 10, 1997, 297).

Há passagens muito mais conhecidas da obra autobiográfica de Agostinho, mas essa é particularmente significativa no que diz respeito à nostalgia do encontro com Deus. Continua o Bispo de Hipona: “Onde habitas, Senhor, na minha memória? Em que recanto dela habitas? Que esconderijo aí construístes, que santuário edificaste? Deste-me a honra de habitar em minha memória, mas em que parte?” (*Confissões* 10, 25, 36: PatrPaulus 10, 1997, 298).

Em algumas linhas, Agostinho relata sua jornada em busca do lugar de Deus através da memória:

Ao recordar-me de ti, ultrapassei as regiões da memória que também os animais possuem, porque aí, entre as imagens dos seres corpóreos, eu não te encontrava. Passei às regiões onde depositei os sentimentos do espírito, e nem mesmo aí te encontrei. Entrei na sede da própria alma – pois o espírito também se recorda de si mesmo – e nem aí estavas. Como não és imagem corpórea, e tampouco sentimento de um ser vivente, como alegria, tristeza, desejo, temor, lembrança, esquecimento e outros semelhantes, assim também tu não podes ser o próprio espírito, porque és o Senhor e Deus do espírito. E enquanto todas essas coisas são mutáveis, tu permaneces imutável acima de todas elas (*Confissões* 10, 25, 36: *PatrPaulus* 10, 1997, 298).

No mesmo período histórico, Sisoés, um dos Padres do deserto egípcio, expressa-se lapidariamente: “Busca a Deus, mas não busques onde ele habita”¹

Ao final de sua análise interior, Agostinho compreende que não há lugares separados ou específicos nos quais buscar a Deus e, ao mesmo tempo, alcança a certeza de que ele se dignou habitar em sua memória desde o dia em que o conheceu.

Gregório de Nissa, comentando a terceira bem-aventurança, que diz: “Felizes os aflitos, porque serão consolados” (Mt 5,4), afirma: “A aflição é uma tristeza da alma, causada pela privação do que é desejado”. O autor explica que o Logos define como bem-aventurada não a dor, mas “o conhecimento do bem ao qual sobrevém a infelicidade da dor, porque o

1 As citações das Madres e dos Padres do deserto, quando a fonte não é indicada, são retiradas das coleções de apoftegmas indicadas na bibliografia.

que se busca não está presente na vida” (*Homilias sobre as Bem-aventuranças*, 3, 3 e 6).

Poderíamos parafrasear essa bem-aventurança, com base no comentário do Nisseno e no que refletimos anteriormente: felizes aqueles que vivenciam a nostalgia do encontro com Deus, porque continuarão a buscá-lo todos os dias.

Quem são os Padres da Igreja?

Os Padres da Igreja são autores dos primeiros séculos da era cristã que, com suas obras, contribuíram de modo decisivo para a geração e a consolidação do pensamento cristão, constituindo uma estrutura estável e insubstituível a que referir-se. Muitos deles foram protagonistas dos primeiros concílios ecumênicos ou diretamente ou mediante seus escritos.

Tradicionalmente, consideram-se Padres aqueles que respondem a quatro critérios: antiguidade, ortodoxia, santidade e reconhecimento por parte da Igreja. Não se trata de um reconhecimento formal, mas por parte da tradição, de modo que não existe um elenco determinado dos Padres, ainda que muitos deles sejam frequentemente citados como tais pelo magistério. Os mais conhecidos e estudados perfazem algumas dezenas, mas nas patrologias (manuais dedicados a esses autores) são elencados algumas centenas. Com relação ao critério da antiguidade, parte-se das origens para chegar à metade do século VIII, antes do último dos sete concílios que viu ainda unidas Roma e Constantinopla: o segundo Concílio de Niceia (787), que recolhe a doutrina também dos últimos Padres.

Nesta obra, consideramos os ditos e feitos das Madres e dos Padres do deserto como parte integrante – e, antes, própria – da patrística.

Definir a oração?

*“Os irmãos perguntaram:
‘Qual é a oração pura?’.*

*O ancião respondeu:
‘Aquele que é pequena em palavras
e grande em obras’.”*

“Se queres rezar, precisas de Deus, que dá a oração a quem reza” (*A oração*, 1, 58); “Reúne todas as tuas forças e Deus cuidará de ensinar-te a rezar” (*A escada do paraíso*, 28, 193). Essas citações, respectivamente de Evágrio Pôntico (345-399) e de João Clímaco (ca. 575-650), permitem-nos entrar humildemente no mundo espiritual dos Padres da Igreja, que testemunham a própria experiência pessoal e a de inúmeras mulheres e homens que buscaram Deus e experimentaram sua presença.

Na oração há duas realidades: por um lado, o desejo e a vontade do ser humano e, por outro, o dom de Deus que se torna alcançável. Agostinho de Hipona escreve a respeito disso ao comentar o encontro entre Jesus e a samaritana; leiamos uma passagem:

Mas pode-se perguntar por que pediu de beber à mulher samaritana que viera encher de água o cântaro, se ele, depois, afirmou que podia dar de beber, aos que solicitassem, da abundância da fonte espiritual. Mas o Senhor tinha sede da fé daquela mulher, que era samaritana, e a Samaria costuma